

RESENHA

EXPULSÕES: BRUTALIDADE E COMPLEXIDADE NA ECONOMIA GLOBAL

IGOR PALMA BARBOSA¹

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Email: igorpalmab12@gmail.com

O desenvolvimento do capitalismo atual perpassa mudanças significativas que marcaram uma considerável ruptura em fins do século XX. A supressão de um modelo Keynesiano, que ascendeu no pós Segunda Guerra e trazia em seu projeto de Estado o fortalecimento de um bem estar social, trouxe em meados dos anos 80 uma nova dinâmica que “expelia” os atores sociais do centro das preocupações do capital e promoveria uma nova busca por lucros a partir de ativos financeiros. Aliado a isso, o desenvolvimento de novas técnicas produtivas e o fortalecimento das grandes corporações deteriorou ainda mais as condições para o bom sustento do capitalismo aos moldes da conhecida “era de ouro”.

É tendo isso em vista que a socióloga holandesa Saskia Sassen aponta a existência de uma afinidade sistêmica por trás dos diversos fenômenos de expulsões trazidos em seu livro “Expulsões: Brutalidade e Complexidade na Economia Global”. A escolha de uma variável sistêmica reflete a necessidade de considerar um denominador comum para entender mais profundamente os porquês de fenômenos localizados estarem conectados por dinâmicas históricas anteriores. Dividido em 4 capítulos, o livro se preocupa em traçar os impactos sociais, ambientais e financeiros dos fenômenos das expulsões bem como reconhecer as principais variáveis que permitiram suas realizações no Norte e Sul Global.

O primeiro capítulo preocupa-se em desenvolver as justificativas históricas para a incidência dos movimentos de expulsão. A defesa de que a década de 80 assistiu a inauguração de uma nova forma de capitalismo avançado é confirmada com a adoção de um crescimento econômico tido como maléfico para a maioria das pessoas, em virtude das políticas de

¹ Acadêmico de Relações Internacionais pela UFPB e membro do FomeRI (Grupo de Estudos sobre Fome e Relações Internacionais da UFPB).

reestruturação a serviço das dívidas estatais e dos maiores ataques a biosfera com o aumento das capacidades de extração. Esses dois fenômenos encontraram percalços com as chamadas “formações predatórias”, que consiste na combinação entre as elites e capacidades sistêmicas do mercado financeiro atuando como facilitadores das expulsões e sendo responsáveis por gerar um alto nível de acumulação inédito, promovendo o agravamento das desigualdades em todo o globo. Entre os indicadores trazidos pela autora para demonstrar isso estão o aumento do desemprego, da pobreza, da emigração, da dívida pública e de encarceramentos.

O capítulo seguinte enfatiza uma dimensão específica da expansão do corolário neoliberal, o novo mercado global de terras. A atuação de organizações como Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BIRD) e Organização Mundial do Comércio (OMC) trabalham para promover essa ideologia econômica ascendente nos anos 80. O papel chave do crescimento alarmante das dívidas, da corrupção, dos investimentos externos no setor primário e da permissividade das elites, coagiu os Estados a se adequarem ao jogo, contribuindo para o maior volume de aquisições de terras e o enfraquecimento das soberanias internas. Em 2006 esses números ganharam proporções ainda mais alarmantes, reforçado pela alta demanda de cultivos industriais e aumento dos preços dos alimentos, tendo como principais conseqüências o maior número de microexpulsões das populações locais e prejuízo a fauna e flora com as práticas de monocultura.

O terceiro capítulo debruça-se a dimensão financeira. A nova forma de auferir lucro a partir de ativos financeiros consistiu em uma alternativa mais rápida e incerta se comparado aos investimentos em capital fixo. A criação de novos mecanismos financeiros trouxe para os anos 80 mais instrumentos complexos de enriquecimento da classe dominante e fomentou movimentos especulativos com a atuação de grandes empresas e firmas financeiras. A financeirização de dívidas de governos, empresas e lares contribuiu para o enfraquecimento das soberanias estatais e expulsões de civis. O papel da habitação constitui exemplo muito claro dos malefícios que esse novo fenômeno trouxe. A securitização das hipotecas serviu para manter o ciclo especulativo em movimento, visando sua compra e venda rápidas e aumentando a fonte de lucro do investidor, que receberá como pagamento pacotes financeiros. Foi devido a essa larga expansão de compra de hipotecas que se estourou a bolha imobiliária nos Estados Unidos em 2008, a incapacidade de pagamento dos moradores e das entidades financeiras de arcar com os empréstimos e saques realizados gerou uma grave crise marcada pelo esvaziamento de muitas moradias.

RICRI Vol.4, No.9, pp. 130-133.

O quarto e último capítulo enfoca na variável ambiental. O problema das inovações técnicas, químicas e organizacionais ultrapassando as capacidades de renovação da terra, água e ar é colocado logo nas primeiras linhas e assegura o seu problema central que é o desgaste da biosfera. Como conseqüências disso estão às vastas extensões de água e terra morta que resultam do alto grau de exploração e da financeirização das mercadorias retiradas desses meios. O aumento da escala de degradação também se consolida nesse meandro, o impacto causado por uma iniciativa local acaba sendo sentido em regiões mais longínquas do globo. Um exemplo disso é o efeito estufa, causado pelas altas emissões de CO₂. Entre seus efeitos estão à alteração climática, elevação dos níveis dos oceanos e sua acidez e derretimento de geleiras. A própria pauta ambiental também sofre com o caráter capitalista competitivo, as negociações sobre emissão de carbono acabam tendo a função mais de auferir vantagem para poluir do que realmente apresentar uma preocupação para reduzi-la. Como forma de fortalecer o argumento, a autora apresenta vários exemplos da ação de empresas que agridem o meio ambiente ligadas a contaminação por chumbo, cromo, mineração, fraturamento hidráulico, acidentes nucleares e açambarcamento de águas.

Na conclusão de seu livro, Sassen retoma sua hipótese central de que a passagem do Keynesianismo para a era global neoliberal representa a principal causa e meio comum para a ocorrência das expulsões. A mudança da natureza dos investimentos, antes voltado para a produção em massa e agora para a dimensão financeira, é responsável por representar um “limite sistêmico”, enfatizando a impossibilidade de crescimento e desenvolvimento aos moldes anteriores. A exclusão das camadas sociais marginalizadas passa a ser uma constante, acompanhada por uma contração do Estado com o enfraquecimento do Estado de bem estar social. Diante disso, sua indagação final apela para o senso do meio científico e popular sobre as necessidades de se incluir o espaço dos expulsos e marginalizados nas teorizações e debates. Seu trabalho, portanto, se efetiva com a tentativa de sanar essa lacuna e trazer para a superfície essas “condições subterrâneas” de conceituação.

Pela observação dos aspectos analisados, o livro cumpre com sua proposta de dar voz as camadas mais marginalizadas e que sofrem com a repulsão das elites capitalistas. A apresentação de argumentos seguidos de exemplos atuais no âmbito social, político, financeiro e ambiental contribuiu para o fortalecimento da hipótese da socióloga de grande renome no meio científico mundial. Ao demonstrar o papel do capital financeiro, o leitor é colocado na dimensão sistêmica e amplia-se sua percepção sobre os reais impactos dos *RICRI Vol.4, No.9, pp. 130-133.*

fenômenos. De um modo geral, a correlação de diferentes problemáticas presentes na obra é um prato cheio para os estudantes de Relações Internacionais, que visam sempre ampliar sua visão de mundo e trazer a tona questões não tão sensíveis a olho nu.

Referência

SASKIA, Sassen. 2016. Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global. 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.